



Ministério da Educação – Brasil  
Universidade Federal dos Vales do Jequitinhonha e Mucuri – UFVJM  
Minas Gerais – Brasil  
Revista Vozes dos Vales: Publicações Acadêmicas  
Reg.: 120.2.095 – 2011 – UFVJM  
ISSN: 2238-6424  
QUALIS/CAPES – LATINDEX  
Nº. 18 – Ano IX – 10/2020  
<http://www.ufvjm.edu.br/vozes>

## **Preceptoria em enfermagem: contribuições e desafios**

Enf<sup>a</sup>. Ms. Patrícia de Oliveira Lima  
Doutoranda pelo Programa de Pós-Graduação em Odontologia da UFVJM.  
Mestre em Ensino em Saúde – UFVJM – MG - Brasil.  
Pós-Graduada em Enfermagem Obstétrica e Ginecológica  
pela Universidade Castelo Branco – SP - Brasil.  
Enfermeira Obstetra da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) pela  
Universidade Federal de Juiz de Fora – MG – Brasil.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/2311797289132610>  
Email: [patricia.enfermeiraobstetra@gmail.com](mailto:patricia.enfermeiraobstetra@gmail.com)

Enf<sup>o</sup>. Ms. Herlon Fernandes de Almeida  
Mestre em Ensino em Saúde – UFVJM– MG - Brasil.  
Pós-Graduado em Enfermagem Intensiva de Alta Complexidade  
pela Universidade Gama Filho – RJ – Brasil.  
Pós-graduando em Auditoria de Sistemas de Saúde - MBA pela UNINTER.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/0931593157661237>  
Email: [herlonfernandes@hotmail.com](mailto:herlonfernandes@hotmail.com)

Enf<sup>a</sup>. Sirleide Corrêa Rangel  
Mestranda em Enfermagem pela Universidade Federal de Juiz de Fora  
Pós-Graduada em Enfermagem Obstétrica pela Universidade Federal de Minas Gerais -  
Brasil. Pós-Graduada em Enfermagem do trabalho pela  
Universidade do Leste de Minas - UNILESTE – Brasil; Pós-Graduada em Formação  
Pedagógica para profissionais da saúde pela UFMG – Brasil.  
Enfermeira Obstetra da Empresa Brasileira de Serviços Hospitalares (EBSERH) pela  
Universidade Federal de Juiz de Fora – MG – Brasil.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/5253625984087264>  
Email: [sirleiderangel@gmail.com](mailto:sirleiderangel@gmail.com)

Prof<sup>o</sup>. Dr. Marcos Luciano Pimenta Pinheiro  
Farmacêutico-Bioquímico pela Universidade Federal de Ouro Preto – MG - Brasil; Mestre  
em Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Piracicaba – SP - Brasil; Doutor em  
Odontologia pela Faculdade de Odontologia de Piracicaba – SP – Brasil.  
Docente Adjunto do Departamento de Ciências Básicas da UFVJM – MG – Brasil.  
Lattes: <http://lattes.cnpq.br/3649352974642750>  
Email: [marcospimenta2@gmail.com](mailto:marcospimenta2@gmail.com)

**Resumo:** O estágio supervisionado é disciplina obrigatória no currículo do curso de enfermagem em atendimento às normas constantes na Lei de Diretrizes e Bases da Educação Nacional, Diretrizes Curriculares Nacionais de Enfermagem, dentre outras normatizações. A efetivação desta prática de estágio é feita a partir de convênios celebrados entre a instituição de ensino superior e as de saúde, que recebem os estagiários em processo de formação. Neste contexto, os profissionais que atuam na instituição de saúde assumem a função de preceptor, responsáveis por acompanhar e orientar os discentes na práxis cotidiana do profissional de enfermagem. Sendo assim, essa pesquisa teve como objetivo avaliar a compreensão dos enfermeiros que atuam como preceptores de estágio sobre o ser preceptor e suas contribuições para a formação dos discentes deste curso. Trata-se de um estudo exploratório/descritivo, de abordagem qualitativa, utilizando como instrumento de coleta entrevistas semiestruturadas. O quantitativo dos entrevistados foi limitado conforme os critérios de inclusão e de saturação e os dados analisados por meio da Análise de Conteúdo. Como resultados, foram identificadas três categorias de análise: estágio supervisionado e suas contribuições, o ser preceptor na formação acadêmica e integração academia e serviço de saúde. Foi possível com o estudo entender a compreensão dos enfermeiros sobre o ser preceptor, a relação entre os profissionais das instituições – a proponente e a parceira no desenvolvimento do estágio supervisionado e revelar processos que podem ser alterados para que haja uma melhora no desenvolvimento do estágio supervisionado.

**Palavras-chave:** Preceptoria. Educação em Enfermagem. Estágios.

## INTRODUÇÃO

A preceptoria é definida como ação ou prática educativa e formativa, executada pelos enfermeiros nas instituições de saúde, desenvolvida juntamente à assistência aos sujeitos que acessam os serviços (OLIVEIRA e DAHER, 2016). Ela engloba dimensões que qualificam o ato formativo, indicando a necessidade de uma formação permanentemente adequada e compatível com a realidade de saúde pública e com as diretrizes curriculares implementadas no atual contexto brasileiro (SOUZA, FERREIRA 2019).

Segundo a Resolução do Conselho Nacional de Educação, CNE/CES Nº 3, de 7 de novembro de 2001, que institui as Diretrizes Curriculares Nacionais do curso de Enfermagem (DCN-E), este profissional deve ter uma formação generalista, humanista, crítica e reflexiva, com base no rigor científico e intelectual e pautado em princípios éticos. A formação deve atender as necessidades sociais da saúde, com ênfase no Sistema Único de Saúde (SUS) e assegurar a integralidade da atenção, a qualidade e humanização do atendimento (RODRIGUES et al., 2014).

Sendo assim, a construção de competências é fundamental para a formação dos profissionais para que desenvolvam uma postura crítica e reflexiva a partir da construção dos saberes profissionais por meio do aprendizado educacional (SANTOS et al., 2016).

O artigo 7º desta resolução versa ainda sobre a obrigatoriedade das atividades de estágio nos dois últimos semestres do curso de graduação em enfermagem, a serem desenvolvidas em diferentes espaços, tais como hospitais gerais e especializados, ambulatórios e rede básica de serviços (BRASIL, 2001). Dessa forma, a obrigatoriedade do estágio implica na participação efetiva dos profissionais enfermeiros que trabalham nos serviços de saúde, atuando como preceptores de estágio (BRASIL, 2001).

A prática de preceptoria deve proporcionar um processo de ensino-aprendizagem baseado numa integração teórica e prática sobre o contexto e a realidade onde se realiza. A articulação da teoria/prática na atividade de preceptoria estimula a tomada de decisão,

a qualificação do cuidado, contribuindo para uma compreensão ampliada da realidade em saúde (SOUZA, FERREIRA 2019).

O enfermeiro preceptor executa procedimentos com a finalidade de demonstrar ao aluno cada etapa, para isso precisa ter atitude de estar sempre refletindo sobre seus saberes e competências profissionais, num processo interno de autoaprendizagem. Na prática de preceptoria o enfermeiro aproxima-se da função de um professor, pois não há como se distanciar da relação ensino-aprendizagem, estabelecida com os alunos (FERREIRA et al., 2018).

Durante o período do estágio, o discente também é acompanhado pelo docente. Este profissional de carreira, vinculado à IES, tem como objetivo, segundo a Lei Federal nº 11.788/2008, o acompanhamento e avaliação do estagiário. A participação desse profissional está reforçada também na Resolução do Conselho Federal de Enfermagem (COFEN) 441/2013 no seu artigo 3º, que diz que o estágio deverá ter acompanhamento efetivo e permanente do enfermeiro docente e do enfermeiro da instituição de saúde.

É de grande importância para a formação do discente que a atuação desses dois profissionais esteja convergindo para um mesmo objetivo em se tratando do estágio supervisionado obrigatório (OLIVEIRA, 2014). Para que isso possa acontecer, a própria DCN-E reforça o desejo de integração quando diz que na elaboração da programação e no processo de supervisão do aluno pelo professor será assegurada efetiva participação dos enfermeiros do serviço de saúde no espaço onde se desenvolve o referido estágio.

Entretanto, a formação em saúde muitas vezes prioriza as atividades assistenciais em detrimento às relacionadas à docência. Dessa forma muitas vezes os enfermeiros preceptores apresentam dificuldades em orientar os alunos em decorrência da própria formação deficiente nesta área. As Universidades que utilizam os enfermeiros das Instituições de Saúde para o acompanhamento dos alunos deveriam assumir a formação pedagógica dos mesmos (SILVA et al., 2015).

Com o entendimento do estágio como espaço importante na construção do saber, a necessidade de um melhor entendimento do exercício da preceptoria e do papel do

preceptor torna-se mais fundamental; tendo em vista que segundo Oliveira e Daher (2016), para uma efetiva formação do profissional na área da saúde é imprescindível a parceria ensino-serviço e esta se efetiva pela preceptoria.

A partir da vivência dos autores em acompanhar discentes na supervisão de estágio de graduação em enfermagem, surgiu à necessidade de entender a compreensão dos enfermeiros que atuam como preceptores de estágio em uma instituição de saúde do Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, cenário de ensino aprendizagem do curso de graduação em enfermagem da universidade local, sobre o ser preceptor suas contribuições e dificuldades para a formação dos discentes deste curso.

## **PERCURSO METODOLÓGICO**

Trata-se de um estudo exploratório/descritivo, de abordagem qualitativa, que foi aprovado pelo Comitê de Ética e Pesquisa, sob o parecer nº 1.589.743. Em todas as etapas foram consideradas as determinações das Resoluções 466/2012 e 510/2016 do Conselho Nacional de Saúde sobre Pesquisa em Seres Humanos.

A pesquisa foi realizada em uma instituição de saúde pertencente ao Vale do Jequitinhonha, Minas Gerais, cenário de ensino aprendizagem do curso de graduação em Enfermagem da universidade local. A instituição é uma entidade filantrópica de referência macrorregional. Foi solicitada a concordância da instituição hospitalar onde se realizou o estudo, por meio da assinatura da carta de anuência, pelo seu representante legal.

Para a produção dos dados empíricos foram realizadas entrevistas semiestruturadas e questionário elaborados pelo próprio autor e aplicados pelo pesquisador responsável pelo projeto aos enfermeiros da ISS.

Os instrumentos de coleta de dados contemplaram questões relacionadas aos aspectos sociais, profissionais e sobre o ser preceptor durante a formação dos discentes do curso de enfermagem, com os seguintes questionamentos:

O que você tem a dizer a respeito do estágio supervisionado para a formação dos novos profissionais de enfermagem?

Como você percebe a sua função de preceptor dos alunos em estágio supervisionado no seu setor de trabalho?

Como você percebe a função do tutor (professor) no estágio supervisionado?

Na sua visão o estágio tem trazido contribuições ao serviço?

Você enfrenta dificuldades para desempenhar a função de preceptor de alunos em estágio supervisionado?

Como tem sido a relação entre a instituição acadêmica e a assistencial no que diz respeito ao estágio supervisionado?

Que sugestões você poderia dar para o melhor desenvolvimento desse estágio?

Foram incluídos no estudo os profissionais que atuavam como preceptores de estágio supervisionado na instituição há no mínimo 1 (um) ano e que concordaram em participar voluntariamente do estudo e assinaram o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE). Foi utilizado como critério de exclusão a recusa em participar da pesquisa.-

O quantitativo dos entrevistados foi limitado pelo critério de saturação. De acordo com Fontanella et. al. (2008), a avaliação de saturação teórica, a partir de uma amostra é feita por um processo contínuo de análise dos dados desde o início do processo de coleta. No início das falas dos entrevistados os acréscimos foram evidentes, posteriormente, foram se rareando até que deixaram de aparecer.

Utilizou-se Análise de Conteúdo, fundamentada na análise temática, por meio de gravação e transcrição das entrevistas, pré-análise com leitura superficial e organização inicial do material; leitura com profundidade e exploração; codificação dos dados; tratamento dos dados; categorização e interpretação. Para preservar o anonimato das (os) participantes foram atribuídos letras e números aos depoimentos.

## RESULTADOS E DISCUSSÃO

A equipe de enfermeiros do cenário de estudo totalizava 30 membros, porém foram convidados a participar 6 profissionais que contemplavam os critérios de inclusão.

As entrevistas possibilitaram compreender o que é o ser preceptor sob a ótica dos enfermeiros preceptores da ISS nas seguintes categorias:

### **1 - Estágio supervisionado e suas contribuições**

### **2 - O ser preceptor na formação acadêmica**

### **3 - Integração academia e serviço de saúde, conforme descrição a seguir**

#### **1 - Estágio supervisionado e suas contribuições**

Na análise desta categoria temática foi possível conhecer a opinião dos enfermeiros preceptores sobre a importância do estágio supervisionado para os graduandos em enfermagem e para a instituição de saúde que oferece os campos de práticas.

A importância do estágio na formação discente foi descrita como fundamental e relevante por todos os entrevistados. Todos reconhecem a importância desta etapa na consolidação do conhecimento construído na academia. O contato com a realidade foi descrito como fator determinante para o crescimento profissional, conforme os recortes a seguir:

E1: Eu acho que o estágio é fundamental ne porque os alunos eles vêm com a bagagem mais teórica ne e aqui na prática que eles vão vivenciar o que realmente acontece.

E3: Eu acho que o estágio supervisionado ele é fundamental para o aluno ele ter essa noção, ele conseguir ter essa noção entre teoria e prática.

E2: O estágio ele é fundamental ne pelo aprimoramento de técnica.

Essas opiniões vêm ao encontro com o que diz Rodrigues et. al. (2014), onde relataram que o estágio prepara o aluno através do contato com a dinâmica dos serviços de saúde, inclusive na definição da sua posição na equipe multiprofissional. Ainda sobre o mesmo tema Tavares et. al. (2011), afirmaram que é por meio do estágio curricular que o graduando aprende a ter mais independência, trabalhar com a equipe multiprofissional, ganhar postura profissional e lidar com o público.

Com o entendimento do estágio como espaço importante na construção do saber a necessidade de um melhor entendimento do exercício da preceptoria e do papel do preceptor torna-se mais fundamental. Segundo Oliveira et al. (2016), para uma efetiva formação do profissional na área da saúde, é imprescindível a parceria ensino-serviço e que esta se efetiva pela preceptoria.

A partir da aquisição de conhecimentos no processo de estágio, de qual é sua posição na equipe e quais suas obrigações na assistência ao paciente, aliado ao aprimoramento na execução das técnicas, o estagiário passa a ter seu papel compreendido de forma deturpada por alguns preceptores e pela equipe assistencial (OLIVEIRA et al., 2016). Eles passam a enxergar o aluno não como um aprendiz, mas sim como uma mão de obra a mais para a execução das tarefas (OLIVEIRA et al., 2016).

Essa compreensão errônea pode ter sua origem explicada pela sobrecarga de serviço vivenciada pelos preceptores na rotina do serviço e por normalmente trabalharem com um quantitativo mínimo de profissionais em suas equipes.

E1: A gente percebe que facilita muito em relação pra nós, em relação ao nosso serviço da enfermagem ne, melhora pra gente em termos de agilidade até em resolver as coisas.

E4: Os estagiários depois que pegam o serviço ajudam bastante a instituição, as vezes a gente dá pra eles função de treinamento e eles conseguem treinar as equipes, é vantajoso.

Essa visão de ampliação do quadro de funcionários interfere sobremaneira na formação do discente, uma vez que ele assume o papel de profissional. Com isso,



tornam-se, às vezes, até referência para funcionários da equipe deixando em segundo plano o papel de aprendiz. Segundo Lopes e Lima (2012), o trabalho do estagiário não deve ser de preencher lacunas e falhas do sistema, e sim uma real parceria para troca de experiências e conhecimentos.

Essa transferência de responsabilidades e o desvio do propósito do estágio são confirmados com as falas a seguir:

E6: ...eu vejo as meninas falarem, ah porque é chato, tem que ficar ensinando tudo, mas eu tenho o pensamento no futuro, você ensina hoje pra daqui um mês eles fazem pra você, então eu adoro.

E1: ...você pode deixar que ele consegue assumir como enfermeiro da clínica mesmo, então eu acho que é sempre vantajoso pra nós

De acordo com Oliveira (2014), é notório que os estagiários de enfermagem facilitam o trabalho das equipes, porém a maneira e o grau de participação dos acadêmicos na execução das atividades devem ser cuidadosamente planejados. O aprendizado e o exercício coerente com as atribuições do enfermeiro podem ser atribuídos como utilização desmedida dos estagiários nas demandas de trabalho da equipe. (OLIVEIRA, 2014).

Em contraponto à situação descrita, dois preceptores apontaram como contribuição do estágio as atividades de pesquisa e desenvolvimento de projetos:

E3: Eles vêm eles aprendem e eles sempre trazem uma contribuição né, de treinamentos, de produção mesmo do tcc deles ou trabalho de conclusão do estágio...eu acho que os trabalhos estão ficando mais uteis dando um retorno melhor para o hospital do que antes né.

E2: ...eles têm sido muito parceiros da santa casa no processo da qualidade, da construção dos processos, atuando no protocolo, dando treinamento, então ta muito atuante.

Essas contribuições apontadas pelos entrevistados são corroboradas com o que diz Oliveira (2014), onde afirma que o que se espera é a utilização do tempo disponível para fortalecer o processo ensino-aprendizagem dos alunos e que isso

reverta em benefício para a assistência aos pacientes, refletindo no aproveitamento do estágio e no aperfeiçoamento da equipe.

## 2 - O ser preceptor na formação acadêmica

Com base nas respostas dos entrevistados foi possível discutir, sob a ótica dos enfermeiros do serviço, qual é o papel do preceptor na formação do discente.

Segundo Silva et. al. (2013), a preceptoria em enfermagem é uma práxis desempenhada pelos enfermeiros dos serviços de saúde. Cabe ressaltar que, segundo a autora, ainda existe uma lacuna na construção do conhecimento quando nos deparamos com a escassez de resultados de estudos sobre preceptoria com foco na graduação em enfermagem no Brasil. (SILVA et al., 2013)

Quando indagados sobre a função do preceptor no estágio supervisionado, os entrevistados apontaram atividades que normalmente desenvolvem com os discentes, como podemos ver nas falas seguintes:

E1: ...eu acho que a gente como preceptor fica muito mais próximo deles né, orientando procedimentos, orientando condutas, direcionando mesmo o que eles têm que fazer né.

E3: Porque a preceptoria a gente acaba que assume meio o aluno né, informalmente, mas a gente assume, porque o aluno fica 90% do tempo com a gente, a gente que faz a avaliação no final.

E6: ...ensinar tudo, eles chegam aqui sem saber fazer nada né, porque sabe a teoria, mas de pratica não sabe nada.

O ambiente de estágio deve possibilitar condições adequadas para o exercício da prática pelos graduandos e residentes, bem como momentos de reflexão sobre elas de forma crítica (FERREIRA et al., 2018). O preceptor assume, portanto, o papel de mediador do processo educativo qualificando o cuidado em saúde (SOUZA e FERREIRA, 2019).

Apesar da atuação do preceptor ser de fundamental importância no processo de ensino aprendizagem do discente, seu papel ainda não é bem compreendido pela

Universidade, pela Instituição de Saúde e nem pelos próprios enfermeiros do serviço. Os entrevistados apontaram um acúmulo de serviço relacionado ao estágio por não haver divisão de tarefas com o enfermeiro docente::

E1: ...então eu acho que a nossa função ela as vezes até extrapola um pouco em relação ao que é preceptoria ne.

E3: É o que eu falei antes, assim, eu acho que não tem muito dividido essa questão da preceptoria e supervisão. Hoje eu enxergo uma falha na supervisão do estágio. Eu acho que precisaria ser mais compartilhado, eu sinto falta.

E6: ...o professor não fica muito com eles, então é o enfermeiro que vai fazer, ensinar tudo.

Segundo Rodrigues (2012), observa-se que estudantes de enfermagem são encaminhados pelas IES aos serviços de saúde no sentido de desenvolver aprendizagem significativa para a prática, e que a chegada destes acarreta uma divisão de responsabilidades em relação ao ensino, onde há uma linha tênue entre a atuação do preceptor e do tutor, diversas vezes não percebida por ambos os profissionais.

Essa dificuldade em definir as funções de cada um faz com que, em algum momento, exista uma sobrecarga de funções, levando os profissionais a assumirem responsabilidades que não são suas, gerando situações de estresse e desconforto normalmente tendo como resultado final, muitas lacunas no processo de ensino aprendizagem do discente. (OLIVEIRA, 2014)

Os preceptores foram ainda perguntados sobre qual seria a função do enfermeiro docente, o supervisor da IES, no estágio supervisionado.

Em suas respostas foi atribuído ao enfermeiro docente funções como o acompanhamento do discente no estágio, a tarefa de fazer a conexão entre o conteúdo teórico e a prática, a avaliação do discente e de ser um referencial para sanar as dúvidas que possam surgir como se pode observar nas falas a seguir:

E1: ...mas eu acho que é uma função as vezes mais didática, de tá orientando, de tá fazendo pensar ne, que muitas vezes nos como preceptores nós não temos o tempo de direcionar o aluno pra esse pensamento clinico.

E3: ...é uma peça fundamental porque ele precisa fazer um link entre a teoria aprendida e a prática, pra ver se realmente o aluno ta sendo capaz de absorver tudo aquilo que ele aprendeu durante os quatro anos da faculdade.

E6: ...o professor tem aqueles debates que as vezes a gente como enfermeiro já não tem mais, aquela questão da cultura de ensinar coisas interessantes, a forma como eles falam, é, debates de enfermagem tal, que a gente não tem, então é interessante.

Sobre a relação entre o docente e o preceptor, Oliveira (2014), relata que o enfermeiro docente deve ser visto para além da função de supervisor, sendo essencial a articulação deste com o preceptor para o desenvolvimento ideal do estágio, possibilitando, de fato, a integração entre ensino e serviço.

Essa lacuna entre o enfermeiro docente e os preceptores também emergiu durante as entrevistas. Os entrevistados apontaram um grande distanciamento dos enfermeiros docentes com os preceptores e com os próprios alunos, fator esse, motivo de grande insatisfação entre os preceptores.

E2: Eu acho que eles tinham que ser mais presente. Acho que eles ficam muito desamparados em relação ao tutor deles que é da universidade, então eu acho que seria, não sei aumentar, ter um em cada setor, ta mais presente com eles, porque as vezes surge uma demanda deles, a gente também não tem como parar pra ta explicando ele tem que esperar o tutor dele chegar.

E3: ...o tutor tem uma carga teórica muito boa, mas a pratica fica um pouco aquém e isso, se a gente não tiver uma sintonia muito boa com o tutor o aluno sai prejudicado.

E4: ...então o aluno fica aqui meio, a gente que fica como preceptor, é a gente que orienta eles, porque o tutor não consegue abranger todos esses alunos, as vezes eles só chegam para ver chamadas, se o aluno ta no campo, mas não consegue acompanhar os procedimentos, não consegue explicar né, ter aquela função mesmo que deveria ter, eu acho que é bem defasado isso aí.

E6: Mas aqui era muito raro o professor vim, eles vinham davam uma passadinha, olhadinha e sumiam, então, não sei como funciona lá em cima nos outros setores.

No estudo de Finkler et al. (2019) os preceptores também relataram a necessidade da presença do docente no estágio, bem como a formação pedagógica e técnica para o exercício da preceptoria, além de reuniões permanentes na Universidade com preceptores e docentes. A falta de tempo e sobrecarga de trabalho advindas da presença dos estudantes no serviço também foi referida. O preceptor acumula múltiplas funções,

como assistência, coordenação do serviço e preceptoria, o que impacta negativamente no desenvolvimento do conhecimento dos estudantes nos estágios.

### **3 - Integração academia e serviço de saúde**

Na análise desta categoria pôde-se discutir sobre a relação existente entre a IES e a ISS, no que se refere ao planejamento do estágio curricular e sobre as dificuldades encontradas pelos preceptores para a execução de suas funções, tanto a de enfermeiro da ISS quanto a de preceptor.

A integração entre as Universidades e Instituições de Saúde devem ser mais efetivas e facilitadas. O estágio beneficia tanto a universidade que consegue o campo de prática para o aluno, quanto a instituição de saúde que através do ensino e aprendizagem, buscando sempre a atualização, melhora a qualidade do trabalho (BALDOINO e VERAS, 2016).

Essas afirmativas estiveram presentes nos discursos dos entrevistados, que apontaram que há um distanciamento entre os enfermeiros docentes da IES e os enfermeiros preceptores, tanto no planejamento do estágio quanto no acompanhamento do aluno, fazendo com que, por diversas vezes, a execução das tarefas do estágio fique a cargo somente do preceptor.

Apesar de alguns preceptores apontarem uma melhora nessa relação em comparação com os anos anteriores, as reclamações estão presentes no discurso de todos os entrevistados:

E1: ...agora eu tenho percebido que isso tem ficado melhor ne, assim, discussão sobre os alunos, como é que ta o andamento dos alunos, eu acho que ta mais aberto pra isso do que era antes, mas eu acho que ainda precisa melhorar. ”  
“...o tutor tirar um dia da semana pra sentar um pouquinho com os enfermeiros e ver quais que são as demandas as dificuldades de cada aluno porque isso não é programado, não é uma rotina estabelecida, então eu acho que isso faz falta as vezes.

E3: ...eu sinto de alguns professores, que eles poderiam se empenhar mais e estar mais presentes na vida do aluno e não deixar muito na mão do preceptor. Alguns tutores eles são presentes, eles ficam, eles fazem parte, mas outros não, outros não tem nem ideia do que eles estão fazendo aqui, eu já tive aluno que

ele ficou um semestre inteiro comigo e os professores vieram visitar uma duas vezes,

Sobre o planejamento do estágio alguns preceptores apontaram que não participam diretamente na construção deste, ficando apenas sob a responsabilidade dos coordenadores de curso da IES, conforme as falas seguintes:

E4: Sempre vem os coordenadores do estágio, conversam com a gente antes, explica tudo que vai acontecer, o nome das alunas que estão no estágio, passa tudo direitinho, o programa de estágio pra gente, tudo organizado, bem organizado.

E3: ...quem vem são os coordenadores do departamento, os coordenadores do departamento vêm passam o cronograma senta, ficam duas três horas sentados com a gente conversando, passam o cronograma e pronto, depois a gente só recebe os alunos.

Ribeiro (2012) afirma que o preceptor ainda não é um personagem que atua ativamente nas discussões sobre da construção do aprendizado dos estudantes, em especial, nas discussões pedagógicas e que a falta de participação na criação das parcerias de integração ensino-serviço abre lacunas para diferentes maneiras de ser e de fazer a preceptoria.

Quando perguntados em relação a dificuldades encontradas para exercer a preceptoria, os entrevistados apontaram diversos fatores que influenciam diretamente no desenvolvimento de suas tarefas, tais como:

E1: Olha eu acho que a dificuldade as vezes é nesse sentido de não ter muito tempo para dedicar ao aluno, a gente não tem aquele tempo de estar explicando ao aluno porque que está fazendo aquilo como é que é que aquilo é feito e fazer associações, ir lá no prontuário que eu acho que é questão que o tutor tem mais tempo para fazer, ne então eu acho que neste ponto a gente fica um pouco mais aquém.

E3: ...mas essas questões mais básicas que eles tinham que saber de bases técnicas as vezes eles nunca viram, eu já peguei aluno do último período que nunca tinha passado uma nasoentérica, então isso é complicado né, as vezes eu sinto essa falha.

E4: ...eu acho que eles saem prejudicados porque a gente não vai deixar o serviço da gente ne para ir orienta-los, então acaba que eles estão ali vendo mesmo, mas tem hora que não tem como abranger tudo.

E6: Eu tenho um pouco de dificuldade na questão do que eu vou ensinar para os meninos hoje, porque como era muito corrido, então as vezes eu acho que faltava, tipo assim, um planejamento.

Silva et al. (2013) revelaram em sua pesquisa as principais dificuldades apontadas pelos enfermeiros para dedicar-se aos estagiários de enfermagem, como a falta de tempo aliada as outras atribuições do serviço, os problemas na infraestrutura do local de trabalho e a falta de preparo profissional, no sentido mesmo de formação educativa para exercer a atividade.

O que corrobora com Lima e Rozendo (2015) ao ressaltar como principais desafios no exercício da preceptoria: o despreparo pedagógico em avaliar, planejar, desenvolver pesquisas, em trabalhar com grupos, com metodologias ativas, em planejar e em desenvolver ações com profissionais e discentes de outros cursos. Os autores apontam ainda como fatores dificultadores do exercício da preceptoria, a deficiência de infraestrutura, falta de recursos materiais, o que dificulta a realização das ações de promoção, controle social e pesquisa.

Em relação à integração entre a academia e a IES os entrevistados relataram que sentem falta de ter o docente mais próximo durante o período de planejamento e de execução do estágio, mas pontuam que sabem da dificuldade existente para que o professor que está no campo de estágio consiga atuar de forma satisfatória, pois atualmente, no estágio curricular supervisionado de enfermagem há somente um professor para acompanhar todos os alunos em todas as clínicas que os recebem. As falas a seguir exemplificam o que foi dito:

E1: ...o tutor tirar um dia da semana pra sentar um pouquinho com os enfermeiros e ver quais que são as demandas as dificuldades de cada aluno porque isso não é programado, isso acontece esporadicamente por alguns ne, tem uns que são mais interessados, ó como é que esse aluno tá, que que você acha que precisa melhorar, mas não é uma rotina estabelecida, então eu acho que isso faz falta as vezes.

E3: ...eu sinto de alguns professores, que eles poderiam se empenhar mais e estar mais presentes na vida do aluno e não deixar muito na mão do preceptor.

E4: ...porque não tem como um tutor para todos os departamentos, não tem como o enfermeiro da instituição ta pegando essa responsabilidade.

Uma das formas de melhorar a integração entre a Universidade e os serviços de saúde é através da participação dos profissionais da Instituição de Saúde no planejamento das atividades da Universidade relacionadas ao estágio, oportunizando a reflexão das atividades do cotidiano, normatizando um novo modo de fazer e fortalecendo o papel dos profissionais, como formadores de saúde no SUS (VASCONCELOS, STEDEFELDT E FRUTUOSO, 2016).

Através do planejamento das ações, é importante estabelecer e esclarecer o papel de cada um na formação do aluno. Considera-se relevante que a integração ensino contribua em processos de educação permanente dos preceptores por meio de ações de qualificação profissional (Finkler et al 2019). É necessário fortalecer os vínculos entre as Universidades e as Instituições de Saúde, com intuito de fornecer subsídios para aprimorar, o campo de estágio qualificando o processo de ensino-aprendizagem de (FERREIRA et al. 2018).

Como sugestão, foi perguntado aos preceptores o que poderia ser alterado para que houvesse melhorias no estágio supervisionado. Entre as diversas opiniões que foram pontuadas, algumas se destacaram:

E1: Uma seria essa, de ter uma rotina em relação à quando o tutor e o preceptor vão conversar e as vezes até incluir esse aluno também. Então eu acho que precisava de uma discussão maior entre a preceptoria e os tutores.

E2: Então eu acho que teria que ter essa rotatividade em todos os setores pra eles terem uma visão mais ampla mesmo.

E4: Eu acho que o principal é a contratação de mais tutores, que acho que com um tutor em cada, pelo ou menos nos ambientes fechados.

E6: ...mas eu acho que os enfermeiros dos setores deveriam ter um, não sei se é treinamento a palavra, mas alguma coisa do tipo pra poder ensinar a gente a ser professor, porque naquele período a gente tá com os alunos, nós não somos professores, nós somos enfermeiras. Alguma forma que a gente pudesse ter um contato com os professores deles ou com uma avaliação deles, é pra gente aprender a ensinar melhor, aprender como tratar, como, o que fazer, sabe, acho que alguma coisa que nos ensinasse a ser um preceptor melhor pra eles.

Tavares et. al. (2011) e Silva et. al. (2013) comentam em seus estudos que a aproximação entre preceptores e professores representa um grande passo na divisão de responsabilidades entre a universidade a IES na formação dos novos enfermeiros.



Essa relação melhoraria se a academia estivesse mais presente no dia a dia do serviço, oferecendo apoio e estímulo.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A partir das falas dos preceptores pôde-se perceber que apesar de todos reconhecerem a importância do estágio supervisionado na formação do discente, ainda há a visão do aluno como mão de obra durante o exercício do estágio. Essa distorção de finalidade traz prejuízos para o discente em relação ao seu aprendizado.

Em relação às suas funções e as do enfermeiro docente os entrevistados mostraram que, apesar de terem pontuado algumas tarefas de cada um, não souberam delinear as obrigações de cada profissional. O não entendimento dos papéis de cada participante deste processo gera insatisfação por parte dos preceptores, que relatam haver um acúmulo de funções e passam a não enxergar o enfermeiro docente como um profissional atuante no estágio.

Além disso, o distanciamento dos preceptores com a academia de uma forma geral ficou evidenciado. Os preceptores relataram não participar do planejamento do estágio supervisionado, atuando apenas como executores de um modelo estabelecido previamente, diferentemente do que é previsto nas DCN-E.

Portanto, essa integração dever-se-á acontecer tanto no processo de construção, desenvolvimento e avaliação da proposta de estágio, quanto na inserção dos enfermeiros preceptores em atividades de formação continuada, promovidas pela IES como cursos, seminários e palestras sobre o tema, sugestões essas que foram apontadas também pelos entrevistados.

Como limitação do projeto foi destacado a grande rotatividade de profissionais da instituição de saúde e período de férias durante a coleta de dados. Dessa forma, destaca-se uma lacuna que pode ser avaliada em próximos estudos sobre a influência dessas limitações na formação e concepção do ser preceptor.

## REFERÊNCIAS

BALDOINO, Aline Silva e VERAS, Renata Meira. Análise das atividades de integração ensino-serviço desenvolvidas nos cursos de saúde da Universidade Federal da Bahia. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**. São Paulo, v. 50, p. 17-24, 2016.

BRASIL. Câmara dos Deputados. Lei nº 9.394, de 20 de dezembro de 1996, que estabelece as diretrizes e bases da educação nacional. Edições Câmara. Brasília, ed. 9ª, p.48, maio. 2014.

BRASIL. Congresso. Senado. Lei Nº 11.788, de 25 de setembro de 2008. Brasília, DF.

BRASIL. Lei 8.080, de 19 de setembro de 1990. Dispõe sobre as condições para a promoção, proteção e recuperação da saúde, a organização e o funcionamento dos serviços correspondentes e dá outras providências. Diário Oficial da União, Brasília, DF, 19 set. 1990. Seção 1.

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº 466/2012. Dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos. .

BRASIL. Ministério da Saúde. Conselho Nacional de Saúde. Resolução nº510/2016. Dispõe sobre pesquisas envolvendo seres humanos.

BRASIL. Resolução CNE/CES nº 3, de 7 de novembro de 2001. Institui Diretrizes Curriculares Nacionais do Curso de Graduação em Enfermagem.

COFEN. Resolução COFEN nº 441, de 2013. Dispõe sobre participação do Enfermeiro na supervisão de atividade prática e estágio supervisionado de estudantes dos diferentes níveis da formação profissional de Enfermagem. Brasília, DF, maio 2013.

FERREIRA, Francisco das Chagas, DANTAS, Fernanda de Carvalho, VALENTE, Geilsa Soraia Cavalcanti. Saberes e competências do enfermeiro para preceptoría em unidade básica de saúde. **Rev. Bras. Enferm.** [Internet], v. 71, n.4. p. 1564-1571, 2018. <https://doi.org/10.1590/0034-7167-2016-0533>

FINKLER, Renata Ulrich, SILVA, Anderson de Santana da, BONAMIGO, Andrea Wander. Visão dos preceptores quanto à preceptoría e o acolhimento do estudante de graduação na atenção primária à saúde. **Rev. Soc. Dev.** 2019; v.8, n.2. p. e1182557. DOI: <http://dx.doi.org/10.33448/rsd-v8i2.557>

FONTANELLA, Bruno Jose Barcellos, RICAS, Janete, TURATO, Egberto Ribeiro. Amostragem por saturação em pesquisas qualitativas em saúde: contribuições teóricas. *Cad. Saúde Pública*, Rio de Janeiro, v. 24, n.1, p.17-27, jan. 2008.

LIMA, Patrícia Acioli de Barros e ROZENDO, Célia Alves. A. Desafios e possibilidades no exercício da preceptoria do Pró-PET-Saúde. **Interface** (Botucatu), Botucatu, v. 19, supl. 1, p. 779-791, 2015. <https://doi.org/10.1590/1807-57622014.0542>.

LOPES, Sandra Ribeiro de Almeida, LIMA, Julia Miranda Ferreira. A parceria universidade-instituição de saúde e sua importância na formação do aluno de graduação em psicologia. *Psicologia: Teoria e Prática*, São Paulo, v. 14, n. 3, p.111-122, jun. 2012.

OLIVEIRA, Aline Galúcio de. Estágio supervisionado em enfermagem: visão de preceptores. 2014. 80 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Enfermagem, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Federal do Rio Grande do Norte, Natal, 2014.

OLIVEIRA, Betânia Machado Faraco, DAHER, Donizete Vago. Prática educativa do enfermeiro preceptor no processo de formação: o ensinar e o cuidar como participantes do mesmo processo. *Docência no Ensino Superior*, Belo Horizonte, v. 6, n. 1, p.113-138, abr. 2016.

RIBEIRO, Eliana C. O. Exercício da preceptoria: espaço de desenvolvimento de práticas de educação permanente. *Revista Hospital Universitário Pedro Ernesto*, Rio de Janeiro, v. 11 (Supl. 1), p. 77-81, 2012.

RODRIGUES, Ana Maria Maia, FREITAS, Consuelo Helena Aires de, GUERREIRO, Maria das Graças da Silva, JORGE, Maria Salete Bessa. Preceptoria na perspectiva da integralidade: conversando com enfermeiros. *Revista Gaúcha de Enfermagem*, Rio Grande do Sul, v. 2, n. 35, p.106-112, jun. 2014.

RODRIGUES, Ana Maria Maia. A preceptoria em campos de prática na formação do enfermeiro em universidades de Fortaleza - Ceará. 2012. 133 f. Dissertação (Mestrado) - Curso de Cuidados Clínicos em Enfermagem e Saúde, Centro de Ciências da Saúde, Universidade Estadual do Ceará, Fortaleza, 2012.

SANTOS, Sérgio Valverde Marques dos, RIBEIRO, Michelly Esteves, MOTTA, Ana Letícia Carnevalli, SILVA, Luciana Jerônimo de Almeida, RESCK, Zélia Marilda Rodrigues e TERRA, Fabio de Souza. Construção do saber em enfermagem: uma abordagem reflexiva teórica e metodológica para a formação do enfermeiro. **Rev Enferm UFPE** [Internet], v.10, n.1, p. 172-8, 2016. Disponível em: <https://periodicos.ufpe.br/revistas/revistaenfermagem/article/view/1093>

SILVA, Verônica Caé, VIANA, Ligia de Oliveira, SANTOS, Claudia Regina Gonçalves, Couto dos. A preceptoria na graduação em enfermagem: uma revisão integrativa da literatura. *Revista de Pesquisa: Cuidado é Fundamental Online*, Rio de Janeiro, v. 5, n. 5, p.20-28, dez. 2013.

SILVA, André Luís Façanha da, RIBEIRO, Marcos Aguiar, PAIVA, Geilson Mendes de, FREITAS e Cibelly Aliny Siqueira Lima, ALBUQUERQUE Isabelle Mont'Alverne Napoleão. Saúde e educação pelo trabalho: reflexões acerca do PET-Saúde como proposta de formação para o Sistema Único de Saúde. *Revista Interface*. Sobral, v.19, p. 1975-84, 2015.

SOUZA, Sanay Vitorino de e FERREIRA Beatriz Jansen. Preceptoría: perspectivas e desafios na Residência Multiprofissional em Saúde. **ABCS Health Sci.**, v.44, n. 1, p.15-21, 2019. <https://dx.doi.org/10.7322/abcsrhs.v44i1.1074>

TAVARES, Pamela Elaine Nogueira, SANTOS, Sidney Augusto Maximiano dos, COMASSETTO, Isabel, SANTOS, Regina Maria dos, SANTANA, Viviane Vanessa Rodrigues da. A vivência do ser enfermeiro e preceptor em um hospital escola: olhar fenomenológico. *Rene*, Fortaleza, v. 4, n. 12, p.798-807, dez. 2011.

VASCONCELOS, Ana Claudia Freitas de, STEDEFELDT, Elke e FRUTUOSO, Maria Fernanda Petrolí. Uma experiência de integração ensino-serviço e a mudança de práticas profissionais: com a palavra, os profissionais de saúde. **Revista Interface**, São Paulo, v. 20, n. 56, p. 147-158, 2016.

Processo de Avaliação por Pares: (*Blind Review* - Análise do Texto Anônimo)

Publicado na Revista Vozes dos Vales - [www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes) em: 10/2020

Revista Científica Vozes dos Vales - UFVJM - Minas Gerais - Brasil

[www.ufvjm.edu.br/vozes](http://www.ufvjm.edu.br/vozes)

[www.facebook.com/revistavozesdosvales](https://www.facebook.com/revistavozesdosvales)

UFVJM: 120.2.095-2011 - QUALIS/CAPES - LATINDEX: 22524 - ISSN: 2238-6424